

**Nos tempos dos becos de Goiás...
Poiesis, Temporalidade e Velhice
em Cora Coralina**

*In the time of Goiás alleys... Poiesis, Temporality
and Old Age on Cora Coralina*

*En tiempos de callejones en Goiás... Poiesis,
temporalidad y vejez de
Cora Coralina*

Priscilla Melo Ribeiro de Lima
Sostenes Cezar de Lima
Terezinha de Camargo Viana

RESUMO: O artigo aborda a *poiesis* e a temporalidade na velhice. Compreendemos a *poiesis* a partir da ideia aristotélica de construção de si mesmo possibilitada na escrita. Nos aportes teóricos, utilizamos as concepções de tempo e narrativa de Ricœur, a compreensão psicanalítica freudiana de temporalidade psíquica múltipla, e as contribuições da Gerontologia Social. A experiência temporal, a consciência da finitude e a possibilidade de construção de sentido são bases estruturais da subjetividade e se manifestam nas narrativas de si. Objetivando aprofundar a compreensão da velhice, do tempo e da *poiesis*, analisamos poemas de Cora Coralina.

Palavras-chave: Velhice; *Poiesis*; Psicanálise; Temporalidade; Cora Coralina.

ABSTRACT: *This paper discusses the poiesis and temporality in old age. We understand the poiesis from the Aristotelian idea of building itself enabled by the self-writing. In the theoretical framework, we use Ricoeur's concepts of time and narrative, the Freudian psychoanalytic understanding of multiple psychic temporality, and the contributions of Social Gerontology. The temporal experience, the awareness of finitude and the possibility of constructing meaning are structural bases of human subjectivity and are manifested in the self-narratives. In order to further comprehension about old age, time and poiesis, we will analyze the poems of Cora Coralina.*

Keywords: *Old age; Poiesis; Psychoanalysis; Temporality; Cora Coralina.*

RESUMEN: *En este artículo se analiza la poiesis y la temporalidad en la vejez. Entendemos la poiesis de la idea aristotélica de la construcción de sí mismo habilitada por la auto-escritura. En el marco teórico, utilizamos los conceptos de tiempo y narrativa de Ricoeur, la comprensión psicoanalítica freudiana de la temporalidad psíquica múltiple, y las contribuciones de la Gerontología Social. La experiencia temporal, la conciencia de la finitud y la posibilidad de construir sentido son bases estructurales de la subjetividad y se manifiestan en las propias narrativas. Con el objetivo de profundizar en la comprensión de la vejez, el tiempo y la poiesis, analizamos los poemas Cora Coralina.*

Palabras clave: *Vejez; Poiesis; Psicoanálisis; Temporalidad; Cora Coralina.*

O homem, afirma Sartre (1938/1976, p. 72), “é narrador de histórias: vive cercado das suas histórias e das de outrem, vê tudo quanto lhe sucede através delas; e procura viver a sua vida como se estivesse a contá-la”. A construção de sentido e da própria subjetividade se dá pela articulação e associação dos acontecimentos da vida. Compartilhar sentidos, construir narrativas concatenadas ao ambiente psicossocial permitem ao sujeito não apenas a possibilidade de enraizamento social, mas também articular-se à dimensão temporal da vida. A perspectiva geracional da própria história leva o sujeito a analisar sua vida através da continuidade familiar, posicionando-se num fluxo temporal. Isso se torna mais evidente na velhice, quando a proximidade da morte gera um olhar retrospectivo ante o vivido.

Em análise da modernidade e da figura do narrador, Benjamin (1936/1987b) destaca que um aspecto marcante do narrador é sua capacidade de utilizar, como fonte para sua narrativa, a própria experiência ou a experiência relatada pelos outros, além de incorporar o narrado à experiência dos seus ouvintes. Essa articulação entre o que é narrado e a experiência do narrador e do ouvinte é o que permite a transmissão de conhecimento e o estabelecimento de relações afetivas. Em *A modernidade e os modernos*, Benjamin afirma que “a narração não visa, como a informação, a comunicar o puro em-si do acontecido, como experiência, aos que escuta. Assim, no narrado fica a marca do narrador, como a impressão da mão do oleiro sobre o pote de argila” (1955/2000, pp. 36-37). Essa capacidade de falar de si, de se conectar à experiência do outro e deixar sua marca na narrativa faz do narrador um sujeito capaz de associar a estética da vida ao conhecimento técnico. Escritores criativos, para utilizar o termo freudiano (1908[1907]/1996a), são capazes de, a partir de sua narrativa, transmitir um conhecimento sobre o humano.

A tessitura da subjetividade é permeada pelas lembranças que resistem ao tempo e por metáforas construídas a partir delas. É a partir dessas construções que o sujeito tem a possibilidade de uma escrita de si, de uma *poiesis*. Esse termo, cunhado em Aristóteles (2007; 1991), tem em sua etimologia a ideia de recriação da realidade e, em nossa análise, de si-mesmo. Não somente o poeta, mas o sujeito do desejo carrega consigo a potencialidade de recriação e reinvenção de si a partir da transformação do passado e do presente, lançando-se a um futuro (Lima, Viana, & Lima, 2015). Utilizando-se disso, alguns sujeitos conseguem escrever sobre si de forma a obter prazer, amenizar sofrimentos e desencadear prazer no leitor. A velhice, como analisaremos, nos parece oferecer um tempo propício para a transmissão da experiência, no sentido benjaminiano. Sob a lente da psicanálise, objetivamos investigar a *poiesis* do eu na velhice, e sua relação com o tempo, através da escrita poética de Cora Coralina, poeta goiana.

A trajetória de Cora Coralina: a *poiesis* do eu

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, a Cora Coralina, nasceu em 1889, na antiga capital do Estado de Goiás, Villa Boa de Goiás, atualmente Cidade de Goiás. Desde o nascimento foi marcada pelo estigma de menina franzina, “desamada, abobada e feia/caso perdido, pensavam todos” (Coralina, 1983b, p. 39).

A leitura e a escrita lhe serviram de proteção ante o inóspito ambiente familiar. Apesar de ter cursado apenas a primeira fase do ensino fundamental, desenvolveu desde a infância o prazer pela leitura de livros e almanaques presenteados por seu padrasto (Tahan, 2002). A escrita era atividade clandestina, solitária, e anônima, para Ana. Durante sua juventude em Villa Boa e depois no interior de São Paulo, publicou alguns textos e artigos de opinião sob o pseudônimo Cora Coralina, mas seu primeiro livro, *Poemas dos Becos de Goiás*, foi publicado apenas em 1965, aos 76 anos. Ela o apresenta com o poema *Ressalva* (1965/1983^a, p. 41) e enfatiza a vida recriada pela poesia na velhice:

*Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetiza sua própria
Vida*

*Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.*

*Este livro:
Versos... Não
Poesia... Não
um modo diferente de contar velhas histórias.*

Após uma vida marcada por sofrimento e dificuldades, a velhice lhe proporcionou a possibilidade de reinvenção de si mesma e de assunção de sua identidade de poeta. Cora afirma ter nascido antes do tempo. Camargo (2002, p. 77) destaca que o ato de recordar na poesia coraliniana se configura como um “recolhimento subjetivo de outras vozes, às quais, para melhor serem acolhidas e acomodadas no reduto da sua própria voz lírica, a Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas cria a poetisa Cora Coralina”. De forma dialética, Cora Coralina concede voz à Aninha, a menina feia e desajeitada da casa da Ponte.

De fato, desde muito jovem se recolheu, mas, ao mesmo tempo, enfrentou os preconceitos sociais e de gênero. Em *Meias impressões de Aninha* (1983b, p. 159) assume sua luta feminina e afirma: “Mulher, não te deixes castrar/ Serás um animal somente de prazer/ e às vezes nem mais isso/ Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar/ Tumultuada, fingindo ser o que não és/ Roendo o teu osso negro da amargura”.

Com aproximadamente 20 anos, se enamora de um advogado divorciado do qual engravida. Ambos fogem de Villa Boa para o interior de São Paulo. A partir de então sua vida é marcada pelo nascimento de seus filhos, mas também por intenso envolvimento com a comunidade, e pelo trabalho.

Cora assume para si a luta por sua autonomia financeira, o que lhe gerou intensos conflitos com o marido (Tahan, 2002). No poema *Semente e fruto* (1983b, pp. 63-64), retoma sua trajetória, marcada pela solidão e pelas pedras:

*Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica de imensa pobreza
que me limitava
entre oito mulheres que me governavam.
E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão.
Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.*

*Despojada. Apedrejada.
Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.
E fui caminhando, caminhando...
E me nasceram filhos.
E foram eles, frágeis e pequeninos,
carecendo de cuidados,
crescendo devagarinho.
E foram eles, a rocha onde me amparei,
anteparo à tormenta que viera sobre mim.*

*[...]
Foram correntes, amarras, embasamentos.
Foram fortes demais.
Construíram a minha resistência.
Filhos, fostes pão e água no meu deserto.
Sombra na minha solidão.
Refúgio do meu nada.
Removi pedras, quebrei arestas da vida e plantei roseiras.
Fostes, para mim, semente e fruto.
Na vossa inconsciência infantil
Fostes unidade e agregação.*

*Cresceste numa escola de luta e trabalho,
depois, cada qual se foi ao seu melhor destino
E a velha mãe sozinha
devia ainda um exemplo
de trabalho e de coragem.
Minha última dívida de gratidão
Aos filhos.
Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais.
Voltei às origens da minha vida,
escrevi o “Cântico da volta”.*

*Assim devia ser.
Fiz um nome bonito de doceira, glória maior.
E nas pedras rudes do meu berço,
gravei poemas.*

A volta às origens na velhice tem um grande peso existencial para Ana. Além de retomar a produção de doces de suas tias e avós, o retorno à Casa Velha da família teve a função de recriação de sua identidade. Ao voltar e recomprar o casarão, Cora assenhora-se de si mesma, agora como poeta. Não obstante ter sempre permanecido fiel a seu desejo – assume-se mulher sem o consentimento materno, assume-se senhora de suas opiniões e lutas sem o consentimento do marido –, é na velhice que consegue se assumir poeta. A reabertura ao mundo da poesia e o desengavetamento dos poemas abriram-lhe caminho para uma nova experiência da velhice. Coralina passa a talhar em versos, ou construir em *poiesis*, a identidade de uma mulher marcada pelo sofrimento, mas destinada à recriação de si pela palavra.

Nos poemas dos becos de Goiás, Coralina elege como tema personagens e paisagens urbanas totalmente esquecidas e silenciadas pela vida urbana. Os becos e seus objetos comuns – “Espólio da economia da cidade./ Badulaques./ Sapatos velhos. Velhas bacias./ velhos potes, panelas, balaios, gamelas./ E outras furadas serventias/ Vêm dar ali” (Coralina, 1965/1983^a, p. 96) – são poetizados. As estórias dos becos não noticiadas nos “autos oficiais do passado” (Coralina, 1965/1983a) são a base dos enredos versados por Coralina. Ao mesmo tempo que esses poemas denunciam o conservadorismo de uma sociedade patriarcal, dão voz ao excluído, ressaltam Britto (2007) e Camargo (2004). O olhar poético sobre o que é descartado pela sociedade moderna faz com que os escritos coralineanos se inscrevam na tradição poética moderna e modernista juntamente com Bandeira e Baudelaire, entre outros, analisa Camargo (2004). A identificação de Cora com esses personagens é evidenciada em alguns versos, como em *Becos de Goiás* (1965/1983a: 103–106):

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
[...]

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.

O beco, excluído e escondido, lugar pouco visitado pelas famílias tradicionais, lugar em que cada um segue sua própria sina, pode ser tomado como metáfora da trajetória de Cora. Não apenas o beco, mas também a mulher que ali faz sua vida – mulher que não se encaixa no padrão identitário socialmente aceito e que sofre rejeição. Em *Poema do milho* (1965/1983a, pp. 165-172), percebemos, além de seus significados étnicos, sociais e históricos devidamente destacados por Ramón (2006), o milho enquanto metáfora de si mesma e de sua *poiesis*:

*Milho plantado; dormindo no chão, aconchegados
seis grãos na cova.
Quatro na regra, dois de quebra.
Vida inerte que a terra vai multiplicar.
E vem perseguição:
o bichinho anônimo que espia, pressente.
A formiga-cortadeira – quenquém.
A ratinha do chão, exploradeira.
A rosca vigilante na rodilha.
O passo-preto vagabundo, galhofeiro,
vaiando, sorrindo...
aos gritos arrancando, mal aponta.
O cupim clandestino
roendo, minando,
só de ruindade.*

*E o milho realiza o milagre genético de nascer.
Germina. Vence os inimigos.
Aponta aos milhares.
– Seis grãos na cova.
– Quatro na regra, dois de quebra.
Um canudinho enrolado.
Amarelo-pálido,
frágil, dourado, se levanta.
Cria substância.
Passa a verde.
Liberta-se. Enraíza.
Abre folhas espaldeiradas.
Encorpa. Encana. Disciplina,
com os poderes de Deus.*

Na metáfora do milho, vemos a ação do tempo e a força do milho que se transforma.

Assim como o milho – “canudinho enrolado, amarelo-pálido e frágil” que se levanta, Cora se descreve como menina “amarela, de pernas moles [...] E a moleirona, pandorga, perna-mole/ se levantava com seu próprio esforço”, em “Minha infância (freudiana)” (1965/1983^a, pp. 174-175):

*Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam – diziam:
“– Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente”.*
*Tinha medo das estórias
que ouvia, então, contar:
assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.
Almas penadas do outro mundo e do capeta.
Tinha as pernas moles
e os joelhos sempre machucados,
feridos, esfolados.
De tanto que caía.
Caía à toa.*

*Caía nos degraus.
Caía no lajedo do terreiro.
Chorava, importunava.
De dentro a casa comandava:
“– Levanta, moleirona”.*

*Minhas pernas moles desajudavam.
Gritava, gemia.
De dentro a casa respondia:
“– Levanta, pandorga”.*

*Caía à toa...
nos degraus da escada,
no lajedo do terreiro.
Chorava. Chamava. Reclamava.
De dentro a casa se impacientava:
“– Levanta, perna-mole...”*

*E a moleirona, pandorga, perna-mole
se levantava com seu próprio esforço.*

Ambos os poemas retratam as dificuldades enfrentadas pelo milho/Ana para se libertar da terra/família que lhe prendia. “Minha infância” é um poema melancólico, no qual irrompem diversas recordações de maus-tratos, solidão e isolamento. Os significantes, por meio dos quais a voz do outro (seus antepassados) identifica e qualifica Ana, aparecem com especial relevo: *moleirona, pandorga, perna-mole, inzoneira, abobada, idiota, amarela*.

São significantes que retratam a dificuldade em se adequar ao modo de existir de uma casa, em que o dia começava ao raiar do sol e era dominado pelas mulheres e seus movimentados afazeres. Andar de forma desembaraçada e segura era metáfora para o papel da mulher naquela sociedade, segundo a qual a mulher deveria caminhar rumo ao casamento e à vida doméstica. Essa não era a caminhada desejada por Ana. Frustrando as profecias maternas, se torna mulher que caminha rumo à conquista de seu próprio desejo.

O ressurgimento de lembranças e sua transformação em poesia revelam essa capacidade *poiética* de se fazer e refazer. A *poiesis* do eu, enquanto (re)criação de si através da escrita, aponta para uma forma de amenizar o mal-estar desencadeado pelo desamparo existencial. Reescrever o passado pode criar condições para a reescrita da própria subjetividade e para a busca de uma forma de unidade da própria identidade. Ante a fragmentação gerada pela modernidade, o ato autobiográfico aponta para o passado, mas também para o futuro. A historicidade parece ser reestabelecida.

Retomamos aqui algumas questões levantadas por Aristóteles sobre a *poiesis*, em *Poética* (2007), e no livro VI de *Ética a Nicômaco* (1991). Ao comparar a composição da poesia com a produção da História, Aristóteles afirma que o poeta tem por função contar aquilo que poderia acontecer a partir do fato vivido (2007, p. 54). Dessa forma, o poeta recria a realidade e enuncia verdades universais, contrariamente à História, que apenas relata, conforme modos específicos de reconstrução discursiva, o que aconteceu. A *poiesis*, pensada assim, aponta para um *a posteriori*, mesmo se baseando em algo que já adveio. A elevação da poesia, de acordo com Aristóteles, consiste justamente nessa capacidade do escritor em transformar o passado e o presente em possibilidades de recriação do futuro.

O potencial estético da *poiesis* se manifesta nos textos que tocam questões tanto particulares, quanto universais do ser humano. A estética da *ars poetica* faz parte de sua essência, de acordo com Aristóteles (2007), e desencadeia prazer. Freud (1905/1996b) destaca que a escrita acerca do humano, de suas dores e alegrias, de suas relações com o tempo, a natureza e os outros, oferece, ao escritor e ao leitor-espectador, uma espécie de catarse de suas emoções. Essa identificação do leitor com o escritor criativo se dá porque o poeta retira de si mesmo os materiais para a construção do texto e se reconstrói. Ao contrário da maioria das pessoas, o poeta consegue transformar sua fantasia e seu desejo em algo compartilhável socialmente. Em segundo lugar, para além da estética, a *poiesis*, conforme Aristóteles, abarca a maneira como a narrativa é escrita. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles (1991) ressalta que toda a arte tem como objetivo produzir e criar de algo.

Em análise acerca do desligamento no trabalho de produção do delírio, do texto e da interpretação, Green (1971/2002) tece interessante comparação. Assim como no delírio, o texto também é construído em torno de um núcleo de verdades: (a) a verdade do desejo – de escrever e de ser lido; (b) a verdade do fantasma – uma presença pulsional, tentativa de busca do objeto perdido; (c) a verdade da ilusão – o afastamento do real proporcionado pelo texto e que permite ao escritor falar de seus desejos; (d) a verdade histórica – o texto como produto da história daquele que o escreveu e que fala à história do que o lê. Esse núcleo de verdades auxilia na construção do texto a partir dos processos de ligação e incide sobre a secundaridade do texto. Há uma exigência de trabalho que se manifesta no “jogo de claro-escuro pelo qual a relação do velar-desvelar do inconsciente deixa sempre na sombra a eficácia dinâmica do texto, para só se prender à sua eficácia literária” (Green, 2002, p. 232). Esse processo remete à dinâmica psíquica que constrói a realidade interna e, conseqüentemente, a subjetividade. Assim como o sintoma e o delírio falam do sujeito que os produz, o texto vela e revela esteticamente o sujeito que o escreve.

Freud (1908[1907]/1996a) ressalta a capacidade do escritor criativo de ir e vir ao mundo da fantasia, e obter, via produção cultural, certa descarga pulsional sem a atuação direta no real. Assim como a criança lança mão do brincar, o escritor recria seu mundo poeticamente na escrita. Além disso, obtém um prazer secundário por meio do reconhecimento e aceitação social que suas imagens e descrições da realidade geram. Essas imagens e descrições são desejos condensados, os quais podem ser atualizados em diversos textos, sejam eles escritos, falados, pintados ou esculpidos. A *poiesis* do eu do sujeito está ali manifestada. Em todo o trabalho psíquico presente nessas produções, pessoais e culturais, há a presença, latente e manifesta, de uma *poietica* do sujeito. Como parte de si mesmo, o exercício de rememoração se torna, para o escritor criativo, um exercício poético inevitável. O poeta abre seu livro da memória poeticamente. É sua única forma de fazê-lo e de fazer-se. Coralina (1976/2002, p. 83) destaca essa inevitabilidade e o não-controle do exercício poético em alguns versos de “Cora Coralina, quem é você?”:

*Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
Não escrevo jamais de forma
consciente e raciocinada, e sim
impelida por um impulso incontrolável.
Sendo assim, tenho a
consciência de ser autêntica.*

*Nasci para escrever, mas, o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros, contramarcaram minha vida.*

*Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.
Sempre houve na família, senão uma
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada
a essa minha tendência inata.
Talvez, por tudo isso e muito mais,
sinta dentro de mim, no fundo dos meus
reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.
Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compreensão dos
rígidos preconceitos do passado.
[...]
Foi assim que cheguei a este livro
sem referência a mencionar.*

*Nenhum primeiro prêmio.
Nenhum segundo lugar.*

*Nem Menção Honrosa.
Nenhuma Láurea.*

*Apenas a autenticidade da minha
poesia arrancada aos pedaços
do fundo da minha sensibilidade,
e este anseio:
procuro superar todos os dias.
Minha própria personalidade
renovada,
despedaçando dentro de mim
tudo que é velho e morto.*

O tempo e a tessitura da subjetividade

Em argumentação levantada a partir de Santo Agostinho, Ricœur sustenta que o tempo não tem ser, porque o futuro ainda não é, porque o passado já não é e o presente não permanece. Contudo, falamos do tempo como tendo de ser: dizemos que as coisas por vir serão, que as coisas passadas foram e que as coisas presentes passam. [...] É notável que seja o uso da linguagem que sustente, provisoriamente, a resistência à tese do não ser (1983/2010, p. 17).

Ricœur aponta a característica paradoxal e fugaz do dizer do tempo, ao destacar a provocação agostiniana presente no *Livro XI das Confissões*: “Que é, pois, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei” (p. 17). Diante desse impasse, Ricœur destaca o paradoxo ontológico presente na linguagem em si mesma, que revela os carâteres inconciliáveis do tempo. Mas é a partir da articulação da linguagem, em construções narrativas, que o sujeito tenta dar conta desse paradoxo temporal. A tese ricœuriana é de que “o tempo se torna humano medida em que é articulado de maneira narrativa” (1983/2010, p. 9). Diante disso, a narrativa utiliza a memória como tentativa de se fixar em algo que possa minimamente dar contorno ao tempo. Para além das marcações externas que nos auxiliam a abalizar o tempo, Agostinho especula a extensão do tempo como uma distensão da alma. Associado a esse conceito está a dialética do triplo presente: (a) o passado do presente, como memória; (b) o presente do presente; e (c) o presente do futuro, como expectativa e antecipação. Nesse sentido, a mensuração do tempo se dá no passado, pois “é preciso que algo cesse para que haja um começo e um fim, portanto, um intervalo mensurável” (Ricœur, 1983/2010, p. 33).

Vê-se, em alguns versos do poema “*Cora Coralina, quem é você?*” (1976/2002, pp. 81-85), publicado por Cora aos 87 anos, uma rearticulação possível entre os três tempos, passado, presente e futuro:

*Sou mulher como outra qualquer.
Venho do século passado
e trago comigo todas as idades.
[...]*

*Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compreensão dos
rígidos preconceitos do passado.
[...]*

*Foi assim que cheguei a este livro
sem referências a mencionar.
[...]*

*Apenas a autenticidade da minha
poesia arrancada aos pedaços
do fundo da minha sensibilidade,
e este anseio:
procuro superar todos os dias
minha própria personalidade
renovada,
despedaçando dentro de mim
tudo o que é velho e morto.*

*Luta, a palavra vibrante
que levanta os fracos
e determina os fortes.*

*Quem sentirá a Vida
destas páginas...
Gerações que não de vir
de gerações que vão nascer.*

Ao trazer um olhar retrospectivo e analítico à sua trajetória de vida, com suas dores e preconceitos, Cora consegue fazer uma integração de seu passado com seu presente e ainda se lançar ao futuro. A poeta aceita a finitude, mas consegue se lançar, através de sua escrita, ao futuro em que gerações de outras gerações serão alcançadas.

A partir da argumentação agostiniana, Ricœur constata que a medida do tempo se dá a partir de um elemento fixo, na própria alma humana: a imagem-vestígio. Destarte, o verbo que emerge é o permanecer, e não mais o passar. Agostinho declara: “É em ti, meu espírito, que meço os tempos” (1983/2010, p. 35), desde que permaneça a impressão das coisas que se passaram. Os vestígios das experiências vividas são as marcas que, uma vez fixadas, constituem a maneira pela qual o sujeito vai construindo sua narrativa de vida. A constatação da passagem do tempo não se dá, portanto, pela medição das coisas do tempo futuro ou do passado, mas pela expectativa e lembrança imprimidas no psiquismo. Dessa forma, o tempo está na alma e encontra na alma o princípio de sua medida, afirma Ricœur (1983/2010). A construção narrativa é a forma como o sujeito vai tentando contornar e dar forma à essa falta que o tempo evoca. A *poiesis* do Eu se dá pelo encadeamento narrativo em que o tempo é articulado e as imagens-vestígios são entrelaçadas.

Lacan (1959-1960/2008) faz algumas formulações acerca de três modos diferentes de o sujeito tentar lidar com esse vazio que evoca o irrepresentável. A partir de Freud, em *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996d), Lacan utiliza o termo *das Ding* para designar isso o que está fora-do-significado, mas em torno do qual as representações e todo o encaminhamento do sujeito se organizam e se orientam. Lidar com esse vazio irrepresentável pode levar o sujeito às seguintes formas de registro de si: (a) evitar *das Ding* através da religião, de forma a preservar seu distante lugar mítico; (b) rejeitar a presença de *das Ding* feita pela ciência, em um processo de busca por desvendá-lo a todo o custo, mas que delinea o ideal do saber absoluto; (c) contornar *das Ding*, de forma a recriar um estado em que o vazio é exibido a partir de outro objeto, algo proporcionado pela arte.

A arte, particularmente na escrita poética, se apresenta como tentativa de solução diante do Isso, diante do que o discernimento falha. A ideia estética coloca-se como uma possibilidade de tentar conciliar o que é inconciliável. A construção do belo e sua transsubstanciação na palavra escrita parecem ser uma tentativa de proteção contra o fracasso da linguagem diante dessa falta que é inerente ao humano. A subjetividade, pensada a partir da construção histórica do Eu, não é construída a partir de um tempo linear, no qual o sujeito é um “ponto que se desloca sobre uma linha orientada e que teria, de algum modo, a sua vida diante e atrás de si”, destaca Le Poulichet (1996, p. 61). Os acontecimentos psíquicos, as abstrações da realidade, a construção de sentidos, abrem temporalidades múltiplas que se manifestam eventualmente.

A ideia do tempo, formulada por Freud (1920/2006), se constitui como uma ideia derivada da percepção do modo de trabalhar do nosso sistema Percepção-Consciência (Pcp-Cs). Corresponde, assim, a uma autopercepção do modo como o sistema Pcp-Cs opera psiquicamente. A Consciência registra a passagem do tempo na medida em que observa o próprio trabalho. Podemos depreender disso a noção de um tempo contemplativo percebido nos momentos de menor atividade do sistema Pcp-Cs, em que seria possível essa auto-observação e uma conseqüente contemplação. Seria um tempo pleno, em contraponto ao tempo cronológico, o qual é marcado pela atividade e vigilância da consciência e angustiosamente vazio de significado. O significado seria construído quando a diminuição das atividades do sistema Pcp-Cs possibilitasse uma contemplação de seu próprio trabalho, naqueles momentos em que a atenção desse sistema não fosse constantemente requerida e que pudesse ocorrer a autopercepção descrita por Freud.

O tempo cronológico, tal como o deus Cronos da mitologia grega (Hesíodo, 1978), tem a castração como aspecto marcante. À medida em que o sujeito começa a perceber o avanço do tempo, os efeitos de Cronos começam a ficar mais perceptíveis. Na infância e adolescência, essas marcas são celebradas – o corpo que cresce ganha mais autonomia e é objeto de desejo. Mas não é o que acontece na velhice. O corpo do velho está marcado com os sinais de um tempo que se foi e levou consigo a beleza e o vigor da juventude. O tempo cronológico é experimentado através do tempo cíclico, cadenciado, marcado pela continuidade e previsibilidade. No poema *Seqüência*, Cora Coralina (1976/2002, pp. 92-93) retrata o compasso eterno do tempo:

I

*Dormir, acordar.
lutar; lutar sempre,
sempre assim, até o fim.*

II

*A rotina da vida
vai passando,
vai rolando,
empurrando sempre,
sempre para a frente.*

III

*Impassível o tempo
que se espera.
Contra o tempo que exaspera,
desespera.
E vai passando aceitando
inexorável, inflexível:
O vai-vem da vida,
a sequência dos dias,
o cotidiano das horas,
a fuga dos minutos,
a eternidade de um segundo.*

IV

*A vida se esvai
no atropelo das gerações,
na corrente dos anos,
na ânsia dos impossíveis:
Removendo pedras,
cavando trincheiras,
construindo os caminhos do futuro.*

Tempo do eterno retorno, tempo da pulsão de morte, diria Freud (1920/2006). Esse tempo quantificado que, com sua exatidão, exclui de seu domínio as dimensões imensuráveis da vida. A experiência do Cronos possui uma extrema valorização do utilitário, do pragmático, o que implica encolhimento, mutilação e aniquilamento do ser em suas qualidades primordiais. Tempo comprimido e sem espaço para as trocas de saber, afirma Benjamin (1936/1987b). O sujeito, quando prisioneiro de Cronos, experimenta o tempo como algo externo, passível de organização e controle, mas extremamente angustiante. Tempo que mortifica, nega e limita qualquer possibilidade de plenitude, ressaltam Py, Trein, Oliveira, & Azevedo (2013).

Em alguns textos freudianos de 1895 a 1905, temos indicações da concatenação das múltiplas temporalidades inerentes ao aparelho psíquico.

Freud ressalta a transposição temporal operada pelo psiquismo entre o antes e o *a posteriori*, e já nos dá indícios sobre a atemporalidade inconsciente postulada mais à frente. No *Projeto para uma psicologia científica...* (1950[1895]/1996c), os consecutivos registros no aparelho psíquico do contato com a realidade representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. No limite entre essas épocas, é necessário ocorrer uma tradução do material psíquico.

Esses registros seriam as marcas mnêmicas, conceito retomado novamente em *Uma nota sobre o bloco mágico* (1925/1996d). Nesse artigo, Freud menciona uma temporalidade composta por traços perceptivos que se fixaram de forma inconsciente e estão sob a ação do recalque. São traços mnêmicos que estão fadados a novos arranjos, novas traduções e transcrições. Apesar das antigas inscrições permanecerem, de certo modo, presentes no psiquismo, a cada nova inscrição, a antiga é retranscrita. O tempo psíquico não se constitui, assim, em um tempo com sequência cronológica e nem lógica. O senso de identidade, podemos depreender, é construído a partir das associações entre as diversas marcas mnêmicas decorrentes do tempo vivido. Encontramos, aqui, novamente, as imagens-vestígios do experimentado pelo sujeito e passível de ser narrado.

Freud (1911/2004) ressalta a construção da experiência de temporalidade como efeito da espera pelo objeto que não está sempre à disposição do bebê. A noção de tempo surge como consequência do contato com a falta do objeto de desejo. Nessa perspectiva, há um ritmo que se imprime às modalidades de satisfação, adiamento e gozo, e a temporalidade seria, portanto, um modo de regulação social da pulsão. A noção de tempo é construída no intervalo entre a necessidade e a satisfação. Assim, o sujeito desejante se constrói, afirma Kehl (2009, p. 112), como um intervalo aberto que “pulsa entre o tempo da própria pulsão e o tempo urgente da demanda do Outro”.

Ao entrar em cena o processo secundário, emerge a percepção de um tempo constituído pela energia ligada e regido pela pulsão de vida. Essa vivência temporal traz o tempo de adiamento da satisfação, de elaboração, de memória, e na qual há o corte, o intervalo, a historização, em contraposição ao tempo do processo primário. Constituído pela energia livre, esse processo seria da ordem do inconsciente, regido pelo princípio de prazer e pelo escoamento livre da energia. É um processo atemporal, no sentido de que é regido por um outro tempo, o tempo da repetição que rechaça o tempo do consciente, afirma Goldfarb (2004).

As elaborações freudianas acerca do tempo indicam que as marcas mnêmicas, lembranças e sensações, são articuladas sob o domínio do processo primário e secundário. A partir disso, fragmentos de lembranças podem ser retomados a partir de imagens, sons e cheiros de épocas diferentes. Essas lembranças, despertadas a partir de fragmentos de sensações, podem nos auxiliar a compreender a experiência do tempo na velhice. Nessa etapa da vida, o encontro entre o tempo do inconsciente que não passa e o tempo que se foi revela uma subjetividade construída na multiplicidade.

Esse aspecto da memória pode ser evidenciado no poema de Coralina *O cântico de Aninha* (1983b, pp. 19-20), em que a lembrança do “vintém de cobre”, moeda de sua infância, traz consigo outros objetos impregnados de afeto, mas também a experiência coletiva dos personagens que habitavam sua infância. Ela afirma que tudo está velho e empoeirado, mas conservado. Esse repertório íntimo possui as marcas dos afetos vivenciados que, apesar de receber novas inscrições a partir de novas experiências, como no bloco mágico discutido por Freud (1925/1996e), conserva seu frescor e vivacidade:

Vintém de Cobre...
Antigos vinténs escuros.
(De cobre preto foi batizado).
Azinhavrados.

Ainda o vejo,
Ainda o sinto,
Ainda o tenho,
na mão fechada.

Moeda triste, escura, pesada,
da minha casa,
da minha terra,
da minha infância,
de gente pobre,
daquele tempo.

Tudo velho, gasto, conservado,
empoeirado, pelos cantos.
Levados para o depósito do velho sobradão.

Colchas de retalhos desiguais e desbotados.
Panos grosseiros encardidos, remendados.
Potes e gamelas, pratos desbeijados,
velhos sapatos,
furados, acalcanhados
eram disputados,
tinha sempre alguém que os quisesse.
[...]

*Nesse tempo me criei.
Daí, este livro – Vintém de Cobre
Numa longa gestação,
inconsciente ou não
que vem da infância longínqua
à ancianidade presente.*

Esse poema nos remonta à ideia de um tempo compartilhado cujo significado é construído coletivamente. Machado (2012), em estudo acerca do tempo, destaca o componente social em nossa percepção do tempo. São certos comportamentos simbólicos e partilhados socialmente que constroem a ideia de continuidade temporal, mas também que demarcam as relações de poder. Essa concepção se aproxima à defendida por Halbwachs (1968/2006) de que a memória possui um componente coletivo. O vintém de cobre que traz à lembrança a infância, a casa, a gente pobre, é uma construção feita a partir de um contexto social e partilhado pelos personagens da narrativa. Tal qual a colcha de retalhos retratada no poema, o passado é construído a partir de variados fragmentos de lembranças, evocados pelo sujeito, mas que são perpassados pelos outros.

Goldfarb (2004, p. 96) ressalta que “o passado não é pura marca mnêmica do vivido, é construção desejante que se ordena – da mesma forma que o futuro – de acordo com os anseios, esperanças e fantasias. História não é resgate, é construção que usa como material privilegiado os desejos do sujeito”. O tempo e a memória se entrelaçam na construção histórica do sujeito que é a história do desejo construída na alteridade.

As marcas deixadas por Cronos, no corpo e no psiquismo, apontam para o fim da vida. A iminência da morte, principalmente na velhice, pode ser encarada como uma castração real, inominável e impossível de ser simbolizada. O experimentar a precariedade da vida humana, do corpo frágil, acaba por conduzir o idoso à vivência angustiante da finitude humana, ressaltam Py, Trein, Oliveira e Azevedo (2013). Freud aponta para a irrepresentabilidade da própria morte. Ela é do âmbito do Real e fonte de angústia. “É impossível imaginar nossa própria morte [...] no fundo ninguém crê em sua própria morte, [...] no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade”, afirmou Freud (1915/1996c, p. 299). Essa afirmação nos remete à distinção, feita por Ricœur (1998, pp. 22-23), entre três tempos diferentes – próprio, próximo e distante – e seus estatutos da morte. No tempo do próprio, não existem representações do nascimento e da morte, pois

nem o nascimento é uma lembrança, nem a morte é objeto de espera. Eu me preparo para morrer, eu não espero a morte. [...]. Para quem o nascimento e a morte são eventos? Pois bem, para os próximos, meus próximos. Somente eles se alegraram com a vinda ao mundo do recém-nascido que eu fui [...]. É para eles que minha morte será um evento, não para mim.

Embora a morte se faça presente ao longo de toda a vida, encarar a própria finitude se torna mais concreta e real na velhice. É quando o conflito interno entre o tempo que passou e como o sujeito se percebe pode acontecer. Não obstante a constatação física e social de que o tempo passou e a vida aconteceu, concretizada pela visualização da imagem envelhecida no espelho, a vivência subjetiva do tempo reforça a atemporalidade do inconsciente. Há um conflito entre o desejo e as possibilidades de realização ante as marcas do tempo e a finitude.

No fim da vida, ou diante do seu término iminente, o Eu precisa encontrar formas substitutivas ante a renúncia de sua continuidade. O Eu está submetido a uma dupla exigência na velhice: a da conservação de um sentido dado à própria vida e a da prova de realidade do fim dessa vida. Correa e Hashimoto (2012, p. 98) ressaltam a importância de se incorporar ao desejo de viver reflexões acerca da morte e da finitude, apesar da angústia que isso provoca. A morte, a finitude e o próprio envelhecimento necessitam ser considerados como “objetos do pensamento e da reflexão na construção da vida plena”. Em “Meu epitáfio”, Coralina (1976/2002, p. 106) parece indicar uma possibilidade de imortalizar o sentido que construiu para e de si mesma:

*Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira*

*Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.*

*Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.*

Em discussão acerca da finitude e da temporalidade na velhice, Py, Trein, Oliveira e Azevedo (2013, p. 1.891) destacam a seguinte afirmação de Mannoni (1995): “O que mantém vivo um ser humano é a afeição, a ternura, um espaço de sonho no qual possa haver um lugar para a presença de alguém que o escute”. A figura desse Outro que se faz presente na escuta, presença concreta ou não do outro, destaca a importância constituinte das relações e de um espaço poético e kairótico. Benjamin (1933/1987a), em seu artigo “Experiência e pobreza”, relata um episódio de transmissão de experiência por um velho à beira da morte a seus filhos. Nas sociedades pré-modernas, a sabedoria de vida era transmitida às gerações subsequentes através das narrativas dos pais e avós. No entanto, o desenrolar da modernidade acabou por minar a experiência enquanto transmissão de conhecimento e construção de vínculos intergeracionais e sociais. O tempo distendido, próprio das sociedades pré-capitalistas e propício à realização de atividades que favoreciam a transmissão das experiências, tornou-se cada vez mais comprimido na modernidade. O tempo na modernidade é o tempo da produtividade e da pressa, ausente de experiência. O poema “*Este relógio*” (Coralina, 1976/2002, pp. 22-24) mostra a marcação silenciosa de Cronos, que exclui da vida a experiência:

I

*Relógio novo, vertical
na parede.
Entrou à casa nova
pela porta amável dos presentes
em dia de casamento.*

II

*Relógio novo, casa nova.
Hora de sono, de acordar.
É o carrilhão dos beijos
de gente moça que juntou
as mãos um dia,
que ligou os destinos
ante um altar
para a travessia da vida.*

III

*Relógio novo,
discreto, silencioso.
Utilidade silenciosa
na agitação ruidosa
da vida.
Marca só, não bate
as horas felizes
que em ronda vão chegando,
vão passando,
sempre renovadas.*

A vivência, aspecto destacado por Benjamin e presente no poema, engloba todo o conjunto de sensações e percepções decorrentes do estar no mundo, mas que são extremamente fugidias. É a característica do tempo sob o domínio da produtividade contemporânea. A vivência teria, assim, intrínseca relação com o sistema Pcp-Cs, afirma Kehl (2009). Na medida que nosso sistema perceptivo está envolvido e comprometido com as exigências do cotidiano da vida, não há espaço, nem tempo, para que as vivências se transformem em experiência. Apenas quando o sistema Pcp-Cs não é tão requisitado, se abre caminho para que a experiência se fixe e as narrativas surjam.

A experiência, na visão benjaminiana, é o saber passível de ser transmitido através da narração e que modifica e enriquece tanto a quem é transmitida quanto quem a transmite. A experiência é construída e comunicada em um tempo que independe do relógio, pois se constrói no tempo vivido e compartilhado pelo sujeito. Kehl (2009, p. 164) ressalta que de “todas as experiências subjetivas que a história deixou para trás, talvez a mais perdida para o sujeito contemporâneo, seja a do abandono da mente à lenta passagem das horas: tempo do devaneio, do ócio prazeroso, dedicado a contar e rememorar histórias”. Tempo dedicado à transmissão da experiência. Tempo de ligações e vinculações.

Considerações finais

Podemos pensar, portanto, a *poiesis* do eu na velhice como uma possível via de escape à angústia da castração real – a morte. A capacidade poiética do sujeito, ante às situações inóspitas decorrentes do enfrentamento da fugacidade da vida na velhice, pode auxiliá-lo a lidar melhor com a imagem que tem de si e projetar-se em um futuro. Isso pode abrir caminhos para uma reconstrução do lugar do velho no contexto sociocultural em que estiver inserido.

Saber viver o presente, sem negar o passado e voltando-se a ele quando necessário, e projetar-se no futuro sem temer a morte, talvez seja um dos desafios da velhice. Mucida (2009) salienta que a velhice se encontra no âmbito do tempo que perdura e que marca, de maneira indelével, a escrita do sujeito. “Envelhecer é saber jogar com o tempo, acolhendo e reeditando essa escrita que não se apaga e habita no corpo, na imagem, nas lembranças e em tudo aquilo que toca de perto os traços marcados da memória” (Mucida, 2009, p. 108).

A expressão latina *carpe diem* traz, em sua origem, um saber que nos impulsiona a investir no presente. Longe de estimular o hedonismo, a expressão de Horácio (23 a.C), em seus *Odes* (Carmina, Liber Primus, XI), estimula o sujeito a não se preocupar com o que o destino ou com o que os deuses lhe prepararam para amanhã, mas colher o que se tem hoje:

É melhor apenas lidar com o que se cruza no seu caminho. Se muitos invernos Júpiter lhe der ou se este, que agora bate nas rochas da praia com as ondas do mar Tirreno, for o último, seja sábio, beba o seu vinho e reerga suas esperanças para o curto prazo. Mesmo enquanto falamos, o tempo ciumento está fugindo de nós. Colha o dia, confie o mínimo no amanhã.

Carpe diem aponta um caminho de usufruto do que se tem e construção de um futuro baseado no trabalho do presente. Beber o seu vinho e reerguer as esperanças para o curto prazo invoca, para o velho, buscar prazer no que o presente pode lhe oferecer e no que foi construído ao longo da vida, e fazer projetos futuros mais breves. Mucida (2009) e Py, Trein, Oliveira e Azevedo (2013) reforçam que reviver o passado é revitalizá-lo no presente. Isso requer que o sujeito se movimente de seu *status quo* e, ao recordar, reencontre pessoas queridas, revise lugares antigos e conheça novas paisagens, enfim, faça um remanejamento libidinal e busque novos objetos de investimento. É através da reconstrução da experiência do sujeito no mundo através das narrativas que se dá o surgimento de novas significações ao vivido e possibilidades de reinscrições.

O futuro está entreaberto para o sujeito desejante. Colher o dia, apesar do tempo que foge, aponta para as possibilidades de escolha de objetos que proporcionarão prazer. Messina (2003, p. 8) ressalta que “o sujeito que envelhece bem é aquele que conta com seus recursos internos para modificar e direcionar sua libido frente a novas situações, e reinventar seus modos de satisfação sexual, de acordo com seus desejos pessoais”.

A linguagem, em seu componente poético, é lugar no qual o sujeito se reconstrói e se reconhece. Os becos poetizados e ressignificados por Coralina são metáforas de si-mesma que, fugindo ao destino social traçado para ela, se reinventou sem negar seu passado, mas rearticulando-se com o presente e se lançando ao futuro. Os traços mnêmicos, que tomam forma e contornos à medida em que são narrados e recontados, apontam uma escritura psíquica que não se apaga e nem se esgota. Ao compartilhar essas memórias, o sujeito deixa suas marcas na história.

Além disso, o vínculo que se estabelece entre o narrador e o ouvinte/leitor pode tornar-se um compromisso para o autor permanecer escrevendo sua vida. Cora Coralina se reinventou na velhice, como doceira e como poeta, cujas reverberações permanecem até a atualidade. Sua trajetória demonstra ser possível a construção de vias elaborativas que, conforme discorre Santana (2015), possam transformar os lugares sociais ocupados pelo sujeito idoso. Assim sendo, o velho, enquanto agente social, pode encontrar formas de “resistir e planejar novos contextos existenciais, frente aos dispositivos sociopolíticos que violentam e tentam excluí-lo da rede interpessoal historicamente heterogênea e, indefectivelmente conectada” (p. 91).

Referências

- Aristóteles (1991). *Ética a Nicômaco*. Vallandro, & Bornheim, Trads. São Paulo, SP: Nova Cultural.
- Aristóteles. (2007). *Poética*. A. Valente, Trad. Lisboa, Pt: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Benjamin, W. (2000). *A modernidade e os modernos* (2ª ed.). H. Silva, A. Brito & T. Jatobá, Trads. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro. (Obra original publicada em 1955).
- Benjamin, W. (1987). Experiência e pobreza. Em: Benjamin, W. *Obras escolhidas*. (3ª ed.), (vol. 1, 114-119). S. Rouanet, Trad. São Paulo, SP: Brasiliense. (Original publicado em 1933).
- Benjamin, W. (1987). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: Benjamin, W. *Obras escolhidas. Vol. 1*. (3ª ed., 197-221). S. Rouanet, Trad.. São Paulo, SP: Brasiliense. (Obra original publicada em 1936).
- Britto, C. (2007). Lembranças de mulher: literatura, histórias e sociedade. *OP SIS*, 7(9), 297-313. Recuperado em 01 julho, 2015, de: https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9345#.WF_FGFMrLik.
- Camargo, F. P. (2004). Cora Coralina e a tradição poética moderna e modernista. Comunicação apresentada no Simpósio Ler Travessias das Estéticas da Modernidade, IX Congresso Internacional da ABRALIC, Porto Alegre, RS, 2004. Recuperado em 01 julho, 2015, de: [dhttp://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25205/14021](http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewFile/25205/14021).
- Camargo, G. O. (2002). Poesia e memória em Cora Coralina. *SIGNÓTICA*, 14, 75-85. Recuperado em 01 julho, 2015, de: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7306/5172>.
- Coralina, C. (2002). *Meu livro de cordel*. (10ª ed.). São Paulo, SP: Global. (Obra original publicada em 1976).
- Coralina, C. (1983a). *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. (4ª ed.) São Paulo, SP: Global. (Obra original publicada em 1965).

- Coralina, C. (1983b). *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. (10^a ed.). São Paulo, SP: Global.
- Correa, M., & Hashimoto, F. (2012). Finitude, envelhecimento e subjetividade. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(Número Especial 12, “Finitude/Morte e Velhice), 85-99. Recuperado em 01 julho, 2015, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17038/12644>.
- Freud, S. (1996a). Escritores criativos e devaneio. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. J. Salomão, Trad. (vol. 9, 135-143). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1908[1907]).
- Freud, S. (1996b). Personagens psicopáticos no palco. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. J. Salomão, Trad. (vol. 7, 292-297). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1996c). Reflexões para os tempos de guerra e morte. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. J. Salomão, Trad. (vol. 14, 281-312). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1996d). Projeto para uma psicologia científica. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. J. Salomão, Trad. (vol. 1, 335-468). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1950[1895]).
- Freud, S. (1996e). Uma nota sobre o ‘bloco mágico’. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. J. Salomão, Trad. (vol. 19, 255-259). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1925[1924]).
- Freud, S. (2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. Em: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol. 1, 63-77). L. A. Hanns, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1911).
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. Em: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Vol. 2, 123-198). L. A. Hanns, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Goldfarb, D. (2004). *Do tempo da memória ao esquecimento da história: estudo psicanalítico das demências*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Green, A. (2002). Literatura e psicanálise: a desligação. L. Vassallo, Trad.. Em: Lima, L. (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes* (Vol. 1, 221-251). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1971).
- Halbwachs, M. (2006). A memória coletiva. B. Sidou, Trad. São Paulo, SP: Centauro. (Obra original publicada em 1968).
- Hesíodo (1978). *Obras y fragmentos: Teogonía, Trabajos Y días, Escudo, Fragmentos, Certamen*. A. Jiménez, & A. Diez, Trad. Madri, Espanha: Editorial Gredos.
- Horácio (23 a.C). *Carmina – liber primus*. Recuperado em 20 maio, 2013, de: http://www.intratext.com/IXT/LAT0532/_IDX003.HTM.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. (2^a ed.). A. Quinet, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960).

- Le Poulichet, S. (1996). *O tempo na psicanálise*. L. Magalhães, Trad.. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Machado, J. (2012). Reflexões sobre o tempo social. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(Número Especial 13, “Vulnerabilidade/envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 11-22. Recuperado em 01 julho, 2015, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17284/12822>.
- Messina, M. (2003). Dimensões do envelhecer na contemporaneidade. *Estados Gerais de Psicanálise: Segundo Encontro Mundial – Rio de Janeiro*. Recuperado em 01 julho, 2015, de: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5b_Messina_26250803_port.pdf.
- Mucida, A. (2009). *Escrita de uma memória que não se apaga*. São Paulo, SP: Autêntica.
- Papaléo Netto, M. (2013). O estudo da velhice. Em: Freitas, E., & Py, L. (Eds.). *Tratado de geriatria e gerontologia*, 62-75. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Py, L., Trein, F., Oliveira, J., & Azevedo, O. (2013). O tempo e a morte na velhice. Em: Freitas, E., & Py, L. (Eds.). *Tratado de geriatria e gerontologia*, 1885-1897. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Ricœur, P. (1998). La marque du passé. *Revue de Métaphysique et de Morale*, 1, 07-31.
- Ricœur, P. (2010). *Tempo e narrativa*. (vol. 1.). M. V. Aguiar, Trad. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1983).
- Sartre, J. (1976). *A náusea*. A. Martins, Trad.. Lisboa, Pt: Publicações Europa-América. (Obra original publicada em 1936).
- Santana, J. (2015). Corpos envelhecidos, porém, desejosos de coexistência colaborativa, em duas narrativas de Hilda Hilst. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós Gerontologia*, 18(3), 71-93. Recuperado em 01 julho, 2015, de: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26214/18871>.
- Silva, L. R. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, 15(1), 155-168. Recuperado em 01 julho, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>.
- Tahan, V. B. (2002). *Cora coragem, Cora poesia*. (4ª ed.). São Paulo, SP: Global. (Obra original publicada em 1989).

Recebido em 14/01/2016

Aceito em 20/04/2016

Priscilla Melo Ribeiro de Lima - Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação (PPGP-UFG) da Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiânia, Goiás.

E-mail: primlima@gmail.com

Sostenes Cezar de Lima - Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília. Docente da Universidade Estadual de Goiás, UEG, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), Anápolis, Goiás.

E-mail: limasostenes@gmail.com

Terezinha de Camargo Viana - Pós-doutorado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia Aplicada (ISPA) da Universidade de Lisboa, Portugal. Pesquisadora colaboradora da Universidade de Brasília, UnB, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Brasília, Distrito Federal.

E-mail: tcviana@unb.br